

ESTUDOS HISTÓRICOS E ARQUEOLÓGICOS SOBRE A ESCRAVIDÃO NO SAÍ (SÃO FRANCISCO DO SUL, SANTA CATARINA)

Fernanda Mara Borba

Universidade da Região de Joinville (Univille), Mestre

Dione da Rocha Bandeira

Universidade da Região de Joinville (Univille), Doutora

Resumo

Esse trabalho diz respeito à escravidão ingressante, a partir do século XVII, no atual município de São Francisco do Sul (Santa Catarina), especialmente em sua porção continental, denominada Distrito do Saí. Com o intuito de compreender a dinâmica do sistema na região e seus vestígios presentes na contemporaneidade, lançou-se mão de uma pesquisa interdisciplinar envolvendo estudos históricos e arqueológicos, permitindo que diferentes fontes trouxessem informações sobre o período estudado (1658-1888). Contou-se com duas coleções arqueológicas, trabalhos historiográficos, relatos de viajantes, documentos oficiais, mapas e fotografias e depoimentos orais na formulação de um panorama social da cidade e na identificação de vestígios ligados à materialidade negra. Considerando o contexto histórico e cultural de São Francisco do Sul, tais estudos trazem novas interpretações sobre escravidão na cidade, a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento desse patrimônio.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica, Escravidão, São Francisco do Sul.

Abstract

This work is about the beginning of slavery in São Francisco do Sul (Santa Catarina) in XVII century, especially in the mainland region, called Distrito do Saí. In order to understand the dynamics of the slavery system in the region and its vestiges in the present, it was started a historical and archeological interdisciplinary research using information sources about the period (1658-1888). It was used two archaeological collections, historiographical works, interviews with travelers, official documents, maps and photographs to have a social panorama of the city and to identify afro materiality vestiges. Considering the historical and cultural contexts of São Francisco do Sul, this work provides a new interpretation about slavery in the city, the valorization of the cultural diversity and the recognition of this heritage.

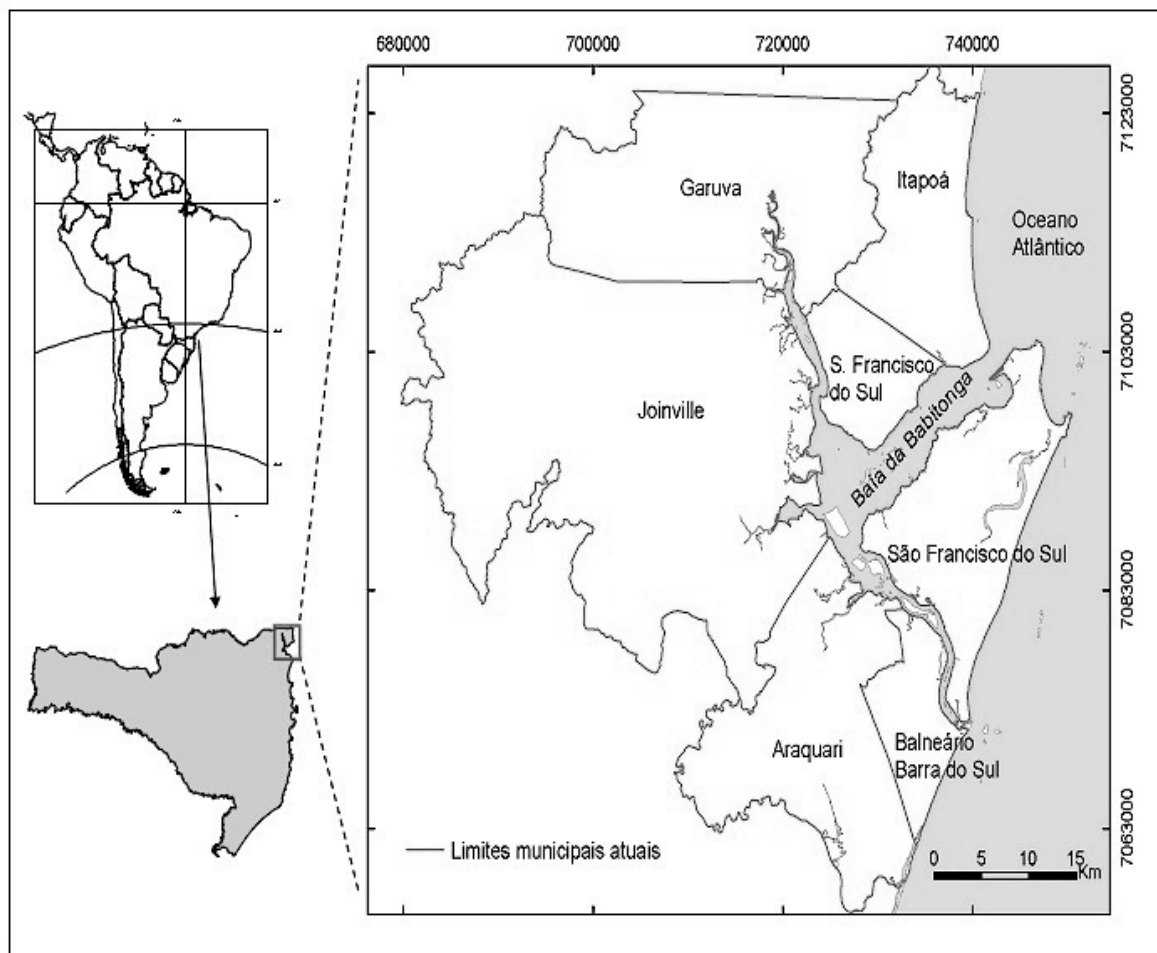
Keywords: Historical Archaeology, Slavery, São Francisco do Sul.

História e Escravidão em São Francisco do Sul

Esse trabalho, resultado de uma pesquisa de mestrado do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille) com financiamento da Capes, diz respeito à escravidão ingressante, a partir do século XVII, no nordeste da então Província de Santa Catarina, mais precisamente na Península do Saí, no atual Município de São Francisco do Sul. Com o intuito de compreender a dinâmica do sistema na região e seus vestígios presentes na contemporaneidade, lançou-se mão de uma pesquisa interdisciplinar envolvendo estudos históricos e arqueológicos, permitindo que diferentes fontes trouxessem informações sobre o período estudado (1658-1888). Contou-se com a contribuição de trabalhos historiográficos, relatos de viajantes, um número significativo de documentos oficiais (inventários, registros de propriedades, certidões e outros livros) na formulação de um panorama social da cidade (dividida territorialmente pela Baía Babitonga entre a Ilha de São Francisco e a parte continental denominada Distrito do Saí).

São Francisco do Sul, juntamente com os municípios de Balneário Barra do Sul, Araquari, Joinville, Garuva e Itapoá, está situado na Baía Babitonga, o mais importante complexo estuarino do norte de Santa Catarina, onde existem ainda outras 25 ilhas (figura 1). O seu território abrange a maior ilha dessa baía (sede do município) e a porção continental, denominada de Distrito do Saí.

Figura 1 – Localização da Baía Babitonga



Fonte: Projeto Atlas Histórico da Região da Baía da Babitonga (UNIVILLE, 2007).

A ocupação da cidade se deu por bandeirantes vicentistas a partir da concessão de sesmarias inicialmente voltadas aos fundadores, cabendo neste período, a Antônio Francisco Francisques a região estudada (CABRAL, 1968: 35). Outros registros de concessões remetem a localidades próximas: Itapoá em 1711, Três Barras em 1787 e 1802, Palmital em 1804, Olaria em 1805 e Rio Cubatão em 1827 (JOINVILLE, s.d.). Com a criação de uma fundação considerada bastante estável na costa catarinense, São Francisco teve sua produção econômica voltada ao plantio de mandioca, arroz, feijão, cana de açúcar e gravatá, contando no final do século XVII com dezenove engenhos de aguardente e quatorze de farinha de mandioca. Em 1750 a vila, já então considerada próspera, era composta por uma população de 1000 habitantes – Desterro (atual Florianópolis) contava com apenas

285 “almas” neste mesmo ano. Em 1796 apresentava 4155 habitantes, sendo 767 escravos (FARIAS, 1998: 263) que a partir do século posterior, em 1856, atingiram o número de 2736 (PIAZZA, 1999: 16). Outros importantes dados sobre a cidade estão presentes nos relatos de viajantes relacionados à Província, cuja predominância de falas é sobre a Vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Capital e principal porto. O viajante francês Saint-Hilaire passou pela região nesse período e a descreveu como um lugar pobre e pouco povoado, com um pequeno contingente de escravos (um escravo para cinco livres) (SAINT-HILAIRE, 1978: 149). Com relação a São Francisco, o mesmo apontou um número reduzido de africanos nos portos, assim definido como crioulo: “[...] não havendo uma economia destinada a atender o mercado europeu, não surgiu também nenhum grande mercado de escravos. A maior parte dos escravos que veio para Santa Catarina, inclusive, já era nascida no Brasil” (SANTOS, 1977 *apud* SILVA, 2004: 14).

Especificamente a respeito da região do Saí, a historiografia traz poucas menções aos brasileiros presentes na localidade a partir de 1658. Essa região está associada à instalação de uma colônia francesa conhecida como República do Saí ou Falanstério do Saí datada em 1842. A iniciativa – a primeira no país – foi fruto do contexto utópico europeu que serviu também ao interesse de ocupação do interior dessa região pelo Império, trazendo estrangeiros com novos conhecimentos e tecnologias e um incremento econômico e social (THIAGO, 1995). A instalação da comunidade foi possível com o auxílio do Coronel Francisco de Oliveira Camacho (importante proprietário de escravos), que cedeu suas terras e transferiu os direitos de posse com objetivo de “*vê-las povoadas e cultivadas*” (BOITEUX, 1944 *apud* PEREIRA, 1989: 14). Sem as condições mínimas para que pudessem exercer suas atribuições, muitos colonos abandonaram o falanstério, insatisfeitos com o fracasso da experiência e a falta de estrutura no local. Com o término da experiência em 1843, alguns trabalhadores permaneceram no local, apesar das dificuldades causadas pelo número reduzido de membros, dedicando-se às atividades econômicas de subsistência e iniciando um intercâmbio econômico com os ocupantes brasileiros. A introdução de novas levas de imigrantes incrementou o crescimento demográfico e o Saí em 1866 já contava com 1356 “nacionais” e 53 estrangeiros empregados em grande parte na agricultura (de 1445, 1400 eram lavradores). Destes, 153 eram pardos e 203 pretos (238 escravos) também lavradores (SANTA CATARINA, 1867). O trabalho rural teve papel importante na cidade e foi o campo que concentrou a mão de obra cativa. O Livro de Fundo de Emancipação, aberto vistas às “Classificação dos Escravos para serem Libertados pelo Fundo de Emancipação” em 1873, classificou 1779 escravos. Constava no referido documento 3732 cativos aproximadamente, por conta de inúmeras repetições (um escravo se enquadrava em dois ou mais casos previstos) e 91% deles estavam empregados na lavoura (plantio de mandioca, engenhos, minifúndios de coivara).

O continente se caracterizava no período como região de grandes propriedades rurais com 263 casas e 273 fogos e, apesar de muitos proprietários terem residências na ilha, concentravam seus sítios, plantações e engenhos (e também escravos) no Saí. É o caso do Senhor José Gonçalves de Moraes,

agricultor brasileiro que no século XIX possuía quatro residências alugadas em São Francisco do Sul e uma grande propriedade rural no Saí, onde mantinha suas plantações de feijão e arroz e seus trabalhadores. Da mesma forma, o Senhor Antônio José de Carvalho possuía terras em outros espaços, mas também mantinha uma fazenda no continente, com engenhos de arroz, farinha e açúcar e uma olaria, possivelmente mantida por cativos. Uma parcela bastante pequena de escravos assumiram outros serviços como cozinheiras (120), carpinteiros (09), alfaiates (11), pedreiros (18), sapateiros (04), costureiras (09), “calafates” (03), serviços domésticos (12), “falquejador” (01), marinheiros (04), pescadores (01), jornaleiros (25), serventes (04) e “lavadeiras” (27) (SÃO FRANCISCO, 1873-1886.).

A partir da segunda metade do século XIX houve a introdução da cana de açúcar e a manutenção da produção da farinha de mandioca e os engenhos, com seus pertences, como as boladeiras, a prensa de dois furos e dois copos. Tais descrições e outras informações sobre oficinas de fazer farinha e outros engenhos como os de pilar arroz, os alambiques de cachaça e os de produzir açúcar aparecem nos inventários. Bem como as características de outros bens, como as roças de mandioca (que podiam ser novas ou velhas), os ranchos e as casas de simples construção, os alqueires de farinha de mandioca para consumo ou para o comércio (SILVA, 2004: 35). A intensa produção e comércio, em especial da farinha de mandioca, resultou numa elevada importância do porto da cidade para a sua economia, mas também de todo o estado, dado que parte da produção era comercializada com outros municípios catarinenses. Durante todo esse período, a cidade contou com a escravidão negra e tornou-se prática comum entre pequenos e grandes fazendeiros rurais a utilização da mão de obra escrava. Em algumas áreas de produção, por serem mais antigas, as marcas da escravidão permaneceram e são visíveis através da cultura material.

Arqueologia da escravidão em São Francisco do Sul

Na impossibilidade de investigar todos os remanescentes ligados às antigas fazendas da vila de São Francisco do Sul, a pesquisa optou por averiguar o “outro lado” da Baía Babitonga, o Distrito do Saí. A escolha por analisar a parte continental considerou a inexistência dos estudos históricos e culturais referentes a essa porção do município e ainda a preservação de estruturas antigas na paisagem decorrente dos poucos processos urbanos e industriais. A parte continental, hoje em dia, é composta das localidades da Vila da Glória, da Praia Alvarenga, da Praia Bonita, de Estaleiro, de Frias, de Ramos, de Torno dos Pintos, de Caeté, de Lamin e de Saí Mirim. As propriedades escolhidas para a análise estão situadas em Frias e em Estaleiro e foram identificadas pelos nomes dessas localidades e por um número: ocorrências Frias 1, Frias 2 e Estaleiro 1. As três propriedades foram identificadas em documentos históricos e seus proprietários encontrados em registros de escravos, batizando seus filhos ou vendendo parte de suas escravarias que, nessa região, se caracterizaram por

um número mais singelo. Os remanescentes dessa ocupação sofreram algumas alterações, mas na paisagem ainda é possível observar os vestígios do passado (figura 2 e 3).

Figura 2 – Maior residência da ocorrência Estaleiro 1.



Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Mara Borba (2011).

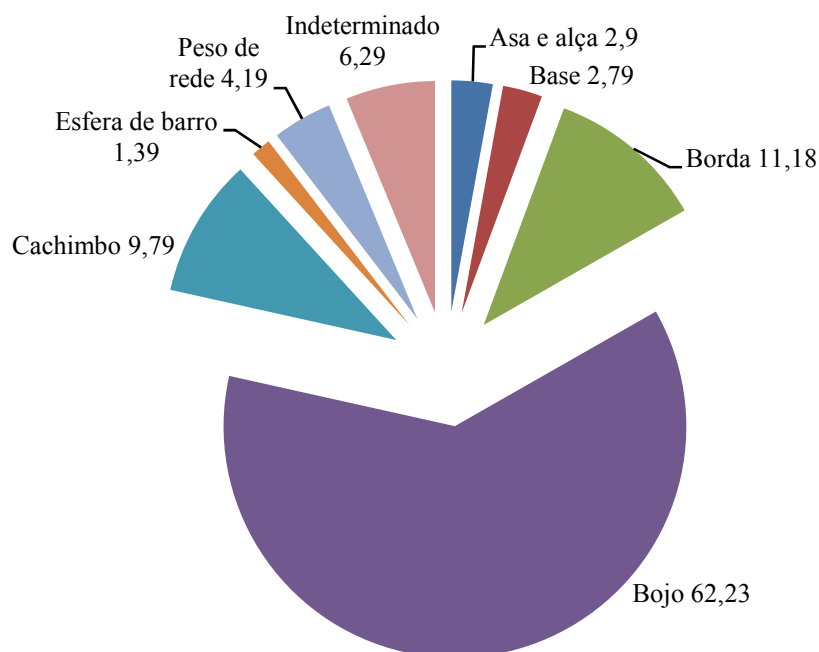
Figura 3 – Estruturas remanescentes de um engenho, hoje Pousada Villa da Glória, no Estaleiro



Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Mara Borba (2011).

Ademais dessas propriedades e das analisadas, existem muitas outras, considerando a potencialidade apresentada por Alves e Bandeira (no prelo) para as pesquisas na região da Babitonga, porém no momento foi possível expor uma parcela da cultura material mediante a escavação arqueológica somente na ocorrência Estaleiro 1. A área escolhida para essa ação levou em conta a proximidade da residência (figura 2) e a possibilidade da habitação cativa estar relacionada a essa estrutura (sendo construída anexa ou em área próxima), por se tratar de uma escravaria com um número baixo de indivíduos. O atual proprietário também informou que havia uma antiga cozinha e uma horta acerca dessa área, podendo estar associada a atividades domésticas de cativos do imóvel, dadas as referências discutidas que apontam o uso do entorno ou ainda habitações em propriedades pequenas. Considerando-se a quantidade de vestígios, o tempo e a potencialidade de informações do material para a problemática da pesquisa, optou-se por analisar de modo detalhado somente a cerâmica de barro cozido (gráfico 1). A análise do material cerâmico de barro cozido tentou caracterizar o processo produtivo com base nos atributos tecnológicos, morfológicos e decorativos, que, ao lado dos demais dados sobre a espacialidade, contribuiu na elaboração de leituras a respeito da ocupação do local. Além disso, a comparação dos conjuntos de cerâmica de barro cozido dos sítios Armação do Sul, em Florianópolis (COMERLATO, 1998), e Morro Grande 1, em São Francisco do Sul (PAULINO DA SILVA, 2001), auxiliou na identificação dos padrões decorativos, muito possível de influência africana, na Baía Babitonga.

Gráfico 1 – Material cerâmico de barro cozido recolhido na ocorrência Estaleiro 1 (%)



Fonte: Fernanda Mara Borba (2012).

O maior conjunto cerâmico da ocorrência Estaleiro 1 foi formado pelos fragmentos de bojo (89), mas somente três peças apresentaram decoração plástica. O maior fragmento, com 8 cm de comprimento por 4 cm de largura, tem decoração escovada no sentido horizontal e marcas incisas na diagonal (*a*), e os outros dois fragmentos exibem decorações incisas paralelas horizontais e diagonais (*b* e *c*) (figura 4).

Figura 4 – Bojos decorados de vasilhames cerâmicos da ocorrência Estaleiro 1



Fonte: Acervo do Laboratório de Arqueologia da Univille.
Fotografia de Fernanda Mara Borba (2013).

No conjunto de cachimbos da ocorrência Estaleiro 1, foram registrados cachimbos modelados, em função da não identificação de marcas de molde interna ou externamente. Quanto à morfologia, ocorre o tipo angular, com a presença da parte interna do forninho com formato cônico e porta-boquilha curto. Identificaram-se 14 cachimbos na ocorrência: um inteiro, um com o forninho, três somente com a porta-boquilha e nove fragmentos de forninhos lisos e decorados. Ainda, é necessário lembrar que o proprietário tem posse de outros cinco cachimbos encontrados na propriedade em superfície. Essas peças foram fotografadas e desenhadas para a análise. Dos cinco cachimbos, três estão inteiros e dois com a porta-boquilha.

A análise da pasta sugere que os cachimbos foram queimados em forno, pois a maioria apresenta queima completa (12). Para a averiguação da queima, não foi preciso executar quebras, já que muitos deles tinham partes quebradas, deixando o núcleo exposto. Os cachimbos contêm antiplástico mineral menor que 1 mm, distribuído de modo homogêneo. Das peças, apenas uma parece ter recebido tratamento de superfície, que a enegreceu, ou a argila usada para a elaboração do

cachimbo era mais escura do que a dos outros. Nesse sentido, não foi realizado mapeamento dos depósitos de argila nas proximidades da ocorrência, mas considerando-se a existência de um forno próprio na fazenda é possível que os locais de retirada da argila não sejam muito distantes.

Com relação aos padrões decorativos, do conjunto proveniente da pesquisa (14), juntamente com os de posse do proprietário (cinco), oito cachimbos possuem decoração plástica na superfície. Com decoração incisa dupla paralela somam-se três cachimbos (*a*, *b* e *c*). Com inciso único tem-se somente um fragmento (*d*), e outro com decoração incisa em arcos secantes (*e*), todos próximos à borda do forninho (figura 5). O fragmento *e* também conta com decoração ponteadada.

Figura 5 – Fragmentos de cachimbos com decoração incisa e ponteadada da ocorrência Estaleiro 1



Fonte: Acervo do Laboratório de Arqueologia da Univille.
Fotografia de Fernanda Mara Borba (2013).

Um fragmento de cachimbo apresenta em seu forninho decoração incisa e ponteadada dupla, e outro contém decoração ponteadada na porta-boquilha e incisa com ponteadado no forninho. Do conjunto de cachimbos cerâmicos, apenas cinco contavam com pedúnculo, todos sem orifício. Uma única peça possui decoração mais elaborada, com padrão inciso e exciso, criando gomos próximos à porta-boquilha e um pedúnculo proeminente, que também apresentou decoração incisa (figura 6).

Figura 6 – Fragmento de cachimbo com decoração incisa e excisa da ocorrência Estaleiro 1



Fonte: Acervo do Laboratório de Arqueologia da Univille.
Fotografia de Fernanda Mara Borba (2013).

A última peça averiguada constitui um cachimbo com superfície de cor preta e apresenta semelhanças com peças apresentadas por Agostini (1997), com procedência rural de fazendas cariocas e paulistas. Os fragmentos estudados pela arqueóloga foram classificados em sete tipos, mas cabe aqui ressaltar o primeiro, cujas descrições se aproximam às do cachimbo encontrado na ocorrência Estaleiro 1 (figura 6).

Tipo 1

O padrão decorativo que caracteriza este tipo apresenta duas linhas paralelas que circundam o forninho, abaixo uma sequência de semiesferas em alto-relevo, seguida por mais uma linha e outra sequência de semiesferas. Esta decoração se repete no porta-boquilha. No corpo da peça aparecem junto ao pedúnculo duas concentrações de linhas onduladas em ambos os lados. O pedúnculo apresenta-se de forma proeminente, ou simples (AGOSTINI, 1997: 31).

Agostini (1997) ainda fez seis subdivisões em função de algumas variações e, para esta análise, interessa reproduzir os subtipos “a” e “e”:

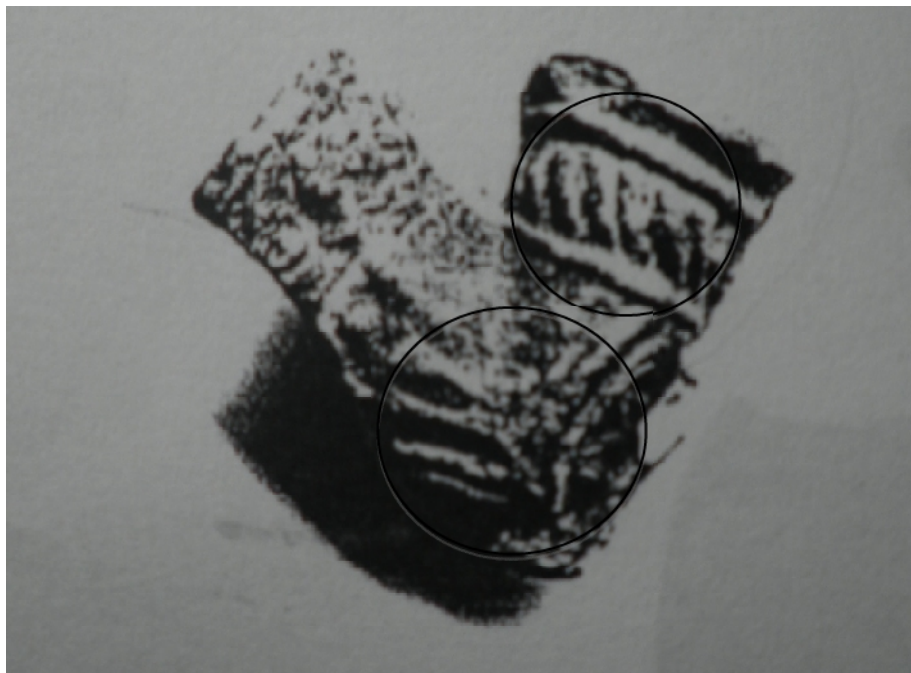
Subtipo a

A variação ocorre no motivo representado no corpo, próximo ao pedúnculo: apresenta duas linhas com forma semicircular, de maneira que quando observamos a peça por baixo, na direção do cotovelo, elas formam dois círculos concêntricos, um no forninho e outro no porta-boquilha (AGOSTINI, 1997: 31).

Subtipo e

[...] O porta-boquilha também sofre uma variação, apresentando entre duas linhas paralelas, transversalmente a estas, linhas diagonais, também paralelas, em substituição às semiesferas. No caso desta categoria, o pedúnculo apresenta-se um pouco mais proeminente que nas demais, e o tamanho da peça é relativamente menor (AGOSTINI, 1997: 32).

Figura 7 – Cachimbos com decoração incisa e ponteadada do sítio São Francisco/SP



Fonte: AGOSTINI (1997: 62, 64 -73).

Tanto a coleção da ilha como a pequena coleção do continente – Distrito do Saí – do município de São Francisco do Sul apresentaram elementos que demonstram que a população negra do passado pode ter deixado, de forma muito sutil, seus traços nesses ambientes. Mesmo compondo um grupo pequeno e heterogêneo, seus registros ainda, de algum modo, se preservam na cidade.

Fontes da pesquisa arqueológica, os vestígios foram encontrados a partir da documentação histórica citada, mapas e fotografias antigas e ainda depoimentos orais que auxiliaram na identificação de antigas propriedades coloniais dos senhores supracitados, caracterizadas por casarões e ruínas, engenhos e fornos. O campo arqueológico forneceu elementos bastante diversificados, com destaque aos artefatos cerâmicos como forninhos de cachimbos e louças simples que podem estar associados como elementos negros. Ao trabalhar com a cultura material, juntamente com documentos escritos e fontes orais, histórias de resistência e outros aspectos da vida cotidiana do escravo são evidenciados. A decoração e outros elementos presentes na cultura material podem contribuir para compreender a reelaboração do sentimento de identidade étnica e a sua afirmação entre os negros escravos (AGOSTINI, 1997). Não somente os vestígios, como também os espaços em que estes foram encontrados são considerados e muito relevantes, uma vez que podem indicar como se davam as

práticas cotidianas e as relações sociais (SYMANSKI, 2010: 294). A pesquisa histórica e o campo arqueológico estão contribuindo com outros olhares a respeito das experiências ligadas à materialidade negra. Considerando o contexto histórico e cultural de São Francisco do Sul, tais estudos trazem novas interpretações sobre escravidão na cidade, preenchendo lacunas ainda existentes, valorizando a diversidade cultural e o reconhecimento desse patrimônio.

Considerações

Este trabalho apresentou uma primeira experiência de pesquisa arqueológica com base na linha de investigação da arqueologia da escravidão em São Francisco do Sul, município do litoral norte de Santa Catarina. A análise foi feita especialmente em três antigas fazendas do século XIX, a fim de compreender a dinâmica de funcionamento dos estabelecimentos e a atuação da mão de obra escrava, relacionando esses elementos à cultura material negra produzida nesses espaços.

As marcas étnicas de africanos têm sugerido, em pesquisas arqueológicas, fortes semelhanças com as decorações encontradas na cerâmica chamada neobrasileira. O padrão escovado e os traços incisos das mais variadas formas (linear, angular, em arco secante) foram as decorações mais presentes nessas peças. Os cachimbos, por sua vez, afirma Agostini (1997), apresentam desenhos bem próximos e signos específicos, demonstrando que teriam significados importantes, como as escarificações trazidas no corpo. A comparação de marcas tribais com padrões decorativos efetuadas em diferentes suportes da cultura material, tais quais cachimbos e vasilhames com forte significado étnico, somente seria possível quando o conjunto de amostras é representativo e amplo (LIMA; BRUNO; FONSECA, 1993; AGOSTINI, 1997). Apesar de a investigação não ter conseguido garantir essas condições, pôde-se observar no material estudado das ocorrências Estaleiro 1 e Morro Grande 1 elementos decorativos que se assemelham a traços vinculados a etnias africanas, como incisos lineares, angulares e em arcos (figuras 4, 5 e 6) em fragmentos de vasilhames e cachimbos, mesmo mais recentes, indicando a incorporação de elementos dessas culturas, mesmo que hoje em dia não sejam mais vistas como tal.

As discussões referentes às funções realizadas pela população escrava de São Francisco do Sul não apenas apontaram para os espaços de trabalho como também aos tipos de habitação destinados a ela. Tratando-se de antigas fazendas agrícolas, está-se, portanto, trabalhando com contextos rurais, distantes do núcleo urbano da vila, onde os espaços poderiam, talvez, ser partilhados por escravos e senhores. No ambiente rural, esses grupos também poderiam dividir as mesmas habitações (caso das escravarias pequenas), mas de acordo com a literatura a maioria dos escravos vivia em habitações separadas da casa do proprietário (especialmente quando havia famílias), mantendo proximidade dependendo da extensão da propriedade. As habitações também poderiam ser coletivas, individuais ou familiares. Ou seja, essas construções estavam bastante relacionadas ao tipo de arranjo familiar dos

escravos. Com variação entre três e quatro membros, dificilmente tais famílias moravam em barracões ou em grandes pavilhões com áreas reservadas para elas. Embora a comunidade de São Francisco do Sul tenha apontado para diversas estruturas elaboradas com rochas como senzalas, acredita-se que as famílias cativas ocuparam pequenas casas com plantas simplificadas, de forma retangular, com um ou dois cômodos, como sugere a literatura sobre as senzalas em contextos rurais. Nesses cenários, parecem ter prevalecido construções elaboradas com paredes de pau a pique e cobertura de palha, como as choupanas ou cabanas, que abrigavam de dois a cinco escravos, residências mais simples e pouco resistentes ao tempo, como sugerem Barickman (2003), Symanski e Souza (2007), Slenes (2011) e muitas fotografias antigas da cidade.

Porém outros elementos suscitaram questões a respeito da presença desses grupos e da sua produção cultural, como os pequenos objetos elaborados em materiais cerâmicos, sem contar os demais fragmentos não explorados pela pesquisa, mas mencionados pela literatura como elementos de (re)apropriação dos escravos (vidro e louça, por exemplo). Com a realização deste trabalho, percebeu-se que a cidade de São Francisco do Sul dispõe de potencialidade para averiguações arqueológicas da escravidão e também da diáspora. Assim, essa prática exige uma ação conjunta e um olhar interdisciplinar, ao passo que envolve campos, fontes e métodos diversificados no estudo da escravidão, de seus reflexos e de suas permanências na contemporaneidade. Portanto, a união de investigações que vieram do campo histórico e arqueológico e que permeiam o campo do patrimônio cultural contribuem com a construção de uma história menos fragmentada e que contemple outros aspectos, antes ausentes. E são muitas as questões e as lacunas que se mantêm abertas, e a arqueologia pode colaborar com a construção desse conhecimento, com a divulgação e com a reflexão dessa memória. Permitir a existência de leituras plurais no tocante ao passado e aos grupos que transitaram nessa história pode auxiliar a sociedade para que ela se reconheça nesse repertório com condições de discutir sua produção cultural. A preservação de tal história exige ações que identifiquem e documentem essa memória, abrindo espaços para a participação de todos os grupos sociais no processo de construção e de apropriação de seu patrimônio cultural.

Referências Bibliográficas

AGOSTINI, Camilla. **Cachimbo de escravos e a reconstrução de identidades africanas no Rio de Janeiro, século XIX**. 1997. Monografia (Bacharelado em Arqueologia)—Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 1997.

ALVES, Maria Cristina; BANDEIRA, Dione da Rocha. Arqueologia histórica no nordeste de Santa Catarina. **Revista Tempos Acadêmicos**, Criciúma. (no prelo.)

BARICKMAN, Bert Jason. E se a casa-grande não fosse tão grande? Uma freguesia açucareira do Recôncavo Baiano em 1835. **Afro-Ásia**, v. 29/30, p. 79-132, 2003.

- BOITEUX, Henrique. O falanstério do Saí. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**, Florianópolis, v. 12, p. 47-90, 1944.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Do Autor, 1968.
- COMERLATO, Fabiana. **Análise espacial das armações catarinenses e suas estruturas remanescentes**: um estudo através da arqueologia histórica. 1998. Dissertação (Mestrado em História, concentração em Arqueologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil meridional**: uma viagem no tempo. Povoamento, demografia, cultura, Açores e litoral catarinense. Florianópolis: Edição do Autor, 1998.
- JOINVILLE. Arquivo Histórico de Joinville. **Sesmeiros da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul**. Reprodução documental sobre Joinville, [s.d.]. (Coleção Memórias da Cidade).
- LIMA, Tânia Andrade; BRUNO, M. C. O.; FONSECA, M. P. R. “Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX”: fazenda São Fernando, Vassouras. Rio de Janeiro: Exploração arqueológica e museológica. *In*: MUSEU PAULISTA, HISTÓRIA E CULTURA MATERIAL. **Anais...**São Paulo: Museu Paulista, 1993. p. 170-206. v. 1.
- PAULINO DA SILVA, Oswaldo. **Arqueologia dos engenhos da ilha de Santa Catarina**. Erechim: Habilis, 2007.
- PEREIRA, Carlos da Costa. **História de São Francisco do Sul**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- PIAZZA, Walter Fernando. **A escravidão negra numa província periférica**. Florianópolis: Garapuvu, 1999.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. São Paulo: Itatiaia, 1978.
- SANTA CATARINA. Mappa da população da província de Santa Catharina no anno de 1866. *In*: RELATÓRIO APRESENTADO A ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATHARINA. Typographia Nacional. Sessão ordinária do anno de 1867. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/954/000030.html>>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. São Paulo: Símbolo, 1977.
- SÃO FRANCISCO DO SUL. Museu Histórico de São Francisco do Sul. **Fundo de emancipação de escravos**. São Francisco do Sul, 1873-1886.
- SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor**: esperança e recordações na formação da família escrava. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- SILVA, Denize Aparecida da. **Plantadores de raiz**: escravidão e compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville: 1845-1888. 2004. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, São Leopoldo, p. 294-310, set./dez. 2010.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; SOUZA, Marcos André Torres. O registro arqueológico de grupos escravos. Questões de visibilidade e preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico**

Nacional, Brasília, n. 33, p. 215-243, 2007.

THIAGO, Raquel S. **Fourier**: utopia e esperança na Península do Saí. Blumenau: FURB, 1995.